This interview is with a Guarani-Kaiowa leader in the state of Mato Grosso do Sul. She talks about indigenous-black alliances and the common suffering of racism; the collective character of indigenist politics/policy; the importance of land; and criminalisation

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017

[..] indígena Guarani Kaiowá, sou como uma mulher Guarani xxx do Mato Grosso do Sul, a gente está trabalhando junto com as mulheres Kaiowá Guarani. Então, esse conselho aí, que a gente está trabalhando e levando à frente, por motivos… pela luta pelo nosso território. Então esses Conselhos das mulheres são muito importantes, porque nós mulheres indígenas Guarani-Kaiowá agora estamos levantando para a gente fazer uma retomada que a gente perdeu há muito tempo...há mais de 500 anos que a gente perdeu a nossa terra para o ruralista, não é. Então, agora, nós estamos nos unindo para poder conquistar novamente a nossa terra. E, por isso, que esse grupo das Mulheres que a gente chama ApiCunhá... ApiCunhá para nós é muito importante porque nós estamos lutando pelo nosso direito. Pelo nosso direito e pelos direitos das crianças, porque há muitos e muitos anos nós fomos perdendo a nossa terra, para falar a verdade, para os fazendeiros.Foi tirado, em 1970, 60, 40 foi tirado do nosso antepassado, do nosso avô, do nosso cacique, foi tirado. E, nós fomos levados a uma reserva. Existiam no Brasil 8 reservas, no tempo dos CNPIs, não é. No tempo da ditadura. Então, nós Guarani-Kaiowá, agora nós estamos voltando para o nosso tekohá.[[1]](#footnote-1) A gente fala tekohá porque é o nosso lugar verdadeiro, onde nós nascermos, onde está a ossada dos nossos avós e tataravós. E, por isso que a gente está fazendo, está criando a Atuler.

Então, eu como sou uma mulher liderança, eu sou uma cacique do… do Bovicatu, eu represento o geral, eu viajo muito para defender o meu povo Guarani-Kaiowa do Mato Grosso do Sul.

Até com Interamericano eu fui para denunciar o governo brasileiro do Mato Grosso do Sul. Inclusive, nesse dia, eu estava no Uruguai, falando com o Interamericano para poder vir à Brasília novamente, para vir uma relatora para ouvir Guarani-Kaiowa.

Então, é isso e é muito importante que você também venha para você saber o nosso sofrimento. Como é que a gente está vivendo e como é que a gente está fazendo o AtiGuaçu [assembleia de líderes Guarani Kaiowá]. Tem o AtiGuaçu dos homens, luta pela terra. Tem AtiGuaçu de jovem, luta pela sua terra também. Tem AtiGuaçu de Inhandiçu, luta pela terra. Porque o nosso cacique é a nossa luz, é o nosso espelho. Por ele que nós estamos vivendo, porque ele fala com espíritos, ele fala com espíritos. Então, por isso que nós estamos… Obedecemos muito. Nós, que estamos juntos, nós obedecemos muito. Quando ele fala, nós temos que obedecer ele, porque são eles que falam com a gente, contam as histórias: como é que a gente vivia, como é que o nosso antepassado vivia e sofria. Então, isso é muito importante para nós.

Eu quero te agradecer também, porque vocês estamos juntos aqui. Eu sei que você também, igual a nós também, parentes de vocês estão sofrendo. Nós estamos fazendo parte de… do Quilombola, fazemos parte de MST, sempre fazemos manifestação juntos lá em Brasília. E isso é muito importante para nós pobres, é muito importante porque nós… Eu sei que vocês também são rejeitados igual a nós indígenas também. Então, vamos… vamos se unir, vamos se abraçar geral para poder conquistar essa terra para o nosso povo.

**LUCIANE:**

Como que os Guarani-Kaiowá sofrem com o racismo?

**XXXX:**

É a mesma coisa como vocês também. Pelo pêlo, pela fala, não tem diferença, menina. Nós, indigenas Guarani-kaiowa, também sofremos racismo igual a você também. Porque onde nós fomos, quase que as pessoas não queriam atender, não queriam ouvir os nossos gritos, não queriam ouvir as nossas palavras. E isso é um racismo muito grande no Mato Grosso do Sul. Em todos os lugares.

**LUCIANE:**

E como que começou a AtiGuaçu? Quantos anos tem?

**XXXX:**

É… 30 e poucos anos. Se eu não me engano, 38 anos. Mais de 40 anos já que surgiu.

**LUCIANE:**

E vocês se reúnem de quanto em quanto tempo?

**XXXX:**

Pré reunião, de 6 em 6 meses, e reunião geral, ali foi incluído as mulheres, os jovens, o cacique, xxx, xxx, tudo foi incluído e vai ser em 2018.

**LUCIANE:**

Certo… Então essa é uma pré reunião?

**XXXX:**

Essa aí é uma Atiguaçu.

**LUCIANE:**

Essa é uma Atiguaçu.

**XXXX:**

Pré reunião é mais pouco. Ali que nós resolvemos aonde nós vamos colocar a Atiguaçu, aonde nós vamos colocar a Pré reunião.

**LUCIANE:**

Certo.

**XXXX:**

Inclusive, lá em Ibucuatu, onde eu estou, vai sair uma pré-reunião. Só que a gente ainda não tomou a decisão. A gente tem que conversar de novo com a liderança. Dentro da comissão a gente tem que conversar de novo, não é, para a gente colocar.

**LUCIANE:**

Então as próximas agora só em 2018? Próxima Atiguaçú (áudio comprometido)

É… Como que a senhora avalia a política indigenista ou anti-indigenista, na verdade, nos últimos tempos? Como você está avaliando?

**XXXX:**

Nós… Nosso político é assim… É nosso político indigenista é assim, oh: isso que a gente fala, é política indigenista é esse daqui que a gente chama. Porque todo papel que saí daqui a gente assina. E isso que a gente chama Política Indigenista.

**LUCIANE:**

E quais são as principais propostas dessa política indigenista que sai daqui?

**XXXX:**

Então, sai, é… O pedido nosso pela terra, pela saúde, é… pela terra… São vários tipos de documentos que tinham que sair disso daqui. Então por isso que a gente chama, não é, Política indigenista.

**LUCIANE:**

Essa aqui é a válida, não é?

**XXXX:**

Uhum.

**LUCIANE:**

E porque… Como que é… Para vocês é muito importante a relação com a terra,não é? É fundamental a demarcação…

**XXXX:**

Então, para nós, a demarcação da terra e homologação, a terra que estava no Parque de Arudá, só assim que a gente resolve e conquista um pouquinho, pouquinho mais. Se não for assim, se a gente não estivesse assim, menina, nós estaríamos todos mortos. Essa assembléia nossa que está segurando. E essa assembleia é muito respeitada internacionalmente.

**LUCIANE:**

Certo. E vocês se baseiam, basicamente, na Constituição, não é? Como mirada em fazer o que está lá, não é?

**XXXX:**

Sim.

**LUCIANE:**

Tem alguma outra lei, que veio depois, que vocês recorrem ou, ou… a Constituição é o marco mesmo principal?

**XXXX:**

Várias...Várias situações vem em cima. Em primeiro lugar vem o… a PEC 215,[[2]](#footnote-2) depois vem o Marco Temporal e, depois, agora veio atacando nós, indígenas, é… pelo arrendamento, porque eles… Todas as coisas eles aprontam para enfraquecer a nossa luta, mas só nós não vamos enfraquecer. Nós vamos partir para a luta. Esse é o nosso objetivo. Cada vez que a gente sai, a gente está nisso e a gente vai fazer a autodemarcação da terra mesmo.

**LUCIANE:**

E como que é a questão da violência e criminalização das lideranças?

**XXXX:**

É, bom… Vem vários tipos de criminalização porque foi perseguido pela Polícia Federal, pelo DOFE, pela Polícia Militar, pela Polícia Civil.... Vários órgãos nos atacam. Então…

**LUCIANE:**

Alegando o quê?

**XXXX:**

Alegando que, é… que nós, indígenas, não temos direitos para conquistar a terra. Porque a nossa luta, aqui no Brasil, é pela terra.

**LUCIANE:**

Sim… A senhora quer ir lá?

**XXXX:**

Eu acho que sim.

**LUCIANE:**

Está bom, obrigada.

1. Guarani term meaning “territorio y paisaje guarani” o “lugar do modo de ser guarani” o “el lugar donde se dan las condiciones para ser guaraní” [↑](#footnote-ref-1)
2. A proposed constitutional amendment to the constitution of Brazil. It intends to delegate exclusively to Congress the duty of demarcation of indigenous and Quilombola territories. This would be a negative move for these territories. [↑](#footnote-ref-2)